

***Lekil kuxlejal*: Bem Viver na saúde autônoma do movimento zapatista**

Lekil kuxlejal: Good Living in the autonomous health of the zapatista movement

Lekil kuxlejal: Buen Vivir en la salud autónoma del movimiento zapatista

Ana Paula Massadar Morel^{1,a}

anamoreloemail@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-2165-595X>

¹ Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

^a Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Resumo

O Exército Zapatista de Liberação Nacional (EZLN) e suas bases de apoio são formados predominantemente por indígenas que vivem na região de Chiapas, no México. O movimento constrói uma profunda experiência de autonomia, o que passa por diferentes dimensões da vida coletiva. Neste artigo, pretendemos, a partir de um trabalho de campo realizado na região, nos focar na saúde autônoma. A concepção de saúde está estritamente relacionada com a noção de terra, já que para ter saúde é preciso pertencer a um cosmos, permeado pelo respeito recíproco entre os mais diferentes seres, em uma luta constante para engrandecer o *ch'ulel* (espírito) e, com isso, caminhar rumo ao *lekil kuxlejal* (Bem Viver). Para colocar em prática esses princípios, o cuidado em saúde é protagonizado pelos promotores autônomos de saúde e pelas assembleias comunitárias.

Palavras-chave: Saúde autônoma; Promotores de saúde; Movimento zapatista; Antropologia da saúde; México.

Abstract

The Zapatista Army of National Liberation (EZLN, in Spanish) and its bases are formed predominantly by indigenous languages living in the region of Chiapas, Mexico. The movement builds a profound experience of autonomy, which goes through different dimensions of collective life. In this article, we intend, from a fieldwork carried out in the region, to focus on autonomous health. The conception of health is closely related to the notion of land, since in order to have health it is necessary to belong to a cosmos, permeated by mutual respect between the most different beings, in a constant struggle to ennoble the *ch'ulel* (spirit) and thus to walk to the *lekil kuxlejal* (Good Living). To put these principles into practice, healthcare is carried out by autonomous health promoters and communal assemblies.

Keywords: Autonomous health; Health promoters; Zapatista movement; Anthropology of health; Mexico.

Resumen

El Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN) y sus bases de apoyo son formados predominantemente por indígenas que viven en la región de Chiapas, México. El movimiento construye una experiencia profunda de autonomía, que atraviesa diferentes dimensiones de la vida colectiva. En este artículo, nos proponemos, a partir de un trabajo de campo realizado en la región, enfocar la salud autónoma. La concepción de salud guarda una estrecha relación con la noción de tierra, ya que para tener salud es necesario pertenecer a un cosmos, impregnado por el respeto mutuo entre los seres más diferentes, en una lucha constante para engrandecer el *ch'ulel* (espíritu) y, de este modo, caminar hasta el *lekil kuxlejal* (Buen Vivir, también llamado Vivir Bien). Para poner en práctica estos principios, la asistencia en salud se lleva a cabo por los promotores autónomos de salud y por las asambleas comunitarias.

Palabras clave: Salud autónoma; Promotores de salud; Movimiento zapatista; Buen Vivir; Antropología de la salud; Mexico.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Este artigo compõe o Dossiê Saúde, etnicidades e diversidade cultural: comunicação, territórios e resistências.

Contribuição dos autores: a autora é responsável por todo o trabalho.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: bolsa de doutorado Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: Agradeço aos promotores zapatistas por me receberem e pelo tanto construído. Agradeço ao meu orientador Eduardo Viveiros de Castro pelo apoio.

Histórico do artigo: submetido: 8 ago. 2019 | aceito: 8 nov. 2019 | publicado: 20 dez. 2019.

apresentação anterior: não houve.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

Introdução

O Exército Zapatista de Liberação Nacional (EZLN) e suas bases de apoio compõem atualmente um dos maiores movimentos indígenas do mundo, formado predominantemente por indígenas falantes das línguas *tzeltal*, *ch'ol*, *tzotzil* e *tojolabal* que vivem no sudeste mexicano, em Chiapas, no Méxicoⁱ. Depois de anos de clandestinidade, o movimento veio a público a partir do levantamento armado de 1º de janeiro de 1994, quando seus membros reivindicaram o fim das grandes propriedades de terra e dignidades para os povos indígenas e pobres, em um contexto de racismo e exploração do trabalho indígena. Desde então, o movimento é conhecido mundialmente por construir todo um modo de existência de maneira autogestionada e independente do Estado mexicanoⁱⁱ e das instituições privadas, o que se convencionou chamar de autonomia zapatista. A autonomia está presente nas mais diferentes esferas da vida zapatista: educação, justiça, governo, trabalho, comunicação e saúde. Neste artigo, buscaremos explorar como se dá a construção cotidiana da saúde autônoma, tendo como foco as concepções de saúde em jogo e sua relação com a organização comunitária.

Para tal, realizamos uma etnografiaⁱⁱⁱ a partir de um trabalho de campo feito em diferentes momentos dos anos de 2013 até 2017 em Chiapas. Tal experiência possibilitou conhecer diferentes espaços do movimento: desde ser aluna de *tzotzil* no Centro de Línguas Mayas Rebelde Autônomo Zapatista (CELMRAZ), um curso de castelhano e *tzotzil* voltado para alunos não zapatistas na região de Oventic, até conhecer diferentes comunidades^{iv} onde vivem bases de apoio zapatistas, participando da formação de promotores de saúde autônoma.

No desenrolar desse trabalho etnográfico, nos pareceu importante partir de um respeito escrupuloso à “imaginação conceitual”^{v,2} dos interlocutores: o que pensam os indígenas zapatistas sobre saúde? Como se constrói a saúde autônoma no cotidiano? Tive a chance de conviver de maneira mais próxima com alguns promotores de educação e saúde autônoma^{vi}. Posso considerá-los interlocutores privilegiados para a realização dessa pesquisa. O contato com esses promotores me possibilitou conhecer um pouco de uma potente ‘imaginação conceitual’ anticapitalista e descolonial que compõe a própria noção de saúde dos zapatistas.

A proposta do artigo é, então, empregar uma abordagem que parte de um experimento com a imaginação conceitual dos nossos interlocutores para tratar de um movimento indígena. Isso pode possibilitar a crítica ao capitalismo não só teorizada, mas vivida pelo movimento zapatista, e que aparece não só como uma negação de um mundo da colonização e do capital, mas também como afirmação de um lugar, para usar a expressão de Eduardo Viveiros de Castro³, situando-a nos quadros conceituais de um “mundo vivido”

i Não há contabilizações exatas do número de zapatistas atualmente. Na última marcha pública realizada no dia 21 de dezembro de 2012 foi contabilizada a participação de cerca de 30 mil zapatistas, sem contar os muitos deles que permaneceram em suas comunidades.

ii É preciso ressaltar que o zapatismo tem uma complexa trajetória na relação com o Estado. Nas negociações iniciadas com o cessar-fogo, 12 dias após o levantamento, buscou-se fazer acordos com o Estado. A expressão máxima desses acordos foram os Acordos de San Andres em 1996, que apresentavam uma série de demandas do movimento e buscavam construir a autonomia indígena a partir do reconhecimento pelo Estado e do diálogo com ele. Entretanto, os acordos não foram cumpridos pelo Estado, o que levou a uma série de desgastes na negociação até chegar a um ponto de ruptura total das negociações no início dos anos 2000. A partir de então, os zapatistas optaram por colocar em prática os Acordos de San Andres por si próprios, quer dizer, construir a autonomia da maneira mais independente possível do Estado.

iii Tal etnografia está descrita por completo na minha tese de doutorado, intitulada Terra, autonomia e ch'ulel: aprendizados na educação zapatista¹, que é base fundamental para este artigo.

iv É importante ressaltar que utilizamos o termo ‘comunidade’ como um termo recorrentemente utilizado por indígenas e não indígenas na região para designar localidades onde vivem os indígenas zapatistas e não zapatistas.

v Em relação a esse debate, recordamos os três imperativos básicos do pacto etnográfico apontados por Bruce Albert², que afirma que o antropólogo deve, em primeiro lugar, fazer justiça à imaginação conceitual de seus interlocutores; em seguida, levar em conta o contexto sociopolítico no qual ele se insere; e, por último, ter um olhar crítico sobre o quadro da pesquisa etnográfica. Sobre esses três pontos, Eduardo Viveiros de Castro³ aponta como não seria acidental que Albert tenha colocado como primeiro ponto o respeito escrupuloso à “imaginação conceitual” de seus interlocutores. Buscamos, então, seguir este mesmo caminho, fazendo um experimento com os conceitos zapatistas. Algumas referências ao contexto sociopolítico foram apontadas como forma de situar questões, mas não como maneira de explicar o que está “por trás” do que os zapatistas dizem e pensam.

vi Os promotores pediram para não ser identificados e, por isso, não faço referência específica a nenhum deles.

singular. Neste sentido, veremos como a própria concepção de saúde presente entre os zapatistas está vinculada à luta por autonomia e a uma profunda trama cosmológica e existencial.

O artigo se constituirá de cinco partes. Na primeira parte, abordamos brevemente o funcionamento cotidiano do movimento zapatista. Em seguida, apresentamos um panorama da saúde autônoma, tendo como base os conceitos em *tzotzil* relacionados à noção de saúde e Bem Viver. Na outra seção, expomos o acompanhamento da formação de promotores de saúde em uma comunidade nos Altos de Chiapas que nos leva à seção seguinte: a importância da terra para a promoção da saúde. Na última seção, apresentamos algumas conclusões.

O movimento Zapatista

A autonomia zapatista é uma construção coletiva e cotidiana e não está isenta de conflitos. Não há grandes territórios completamente controlados pelos zapatistas, na verdade, o que ocorre é que as comunidades são constituídas por uma dupla organização da vida zapatista e estatal (partidista) que coexiste e se choca. Os indígenas zapatistas auto-organizam suas vidas a partir do movimento e os indígenas partidistas são aqueles que aceitam programas do governo e, em geral, apoiam algum partido político. Alguns indígenas partidistas formam grupos paramilitares que estão em constante tensão com os indígenas zapatistas, seja por motivos de disputas fundiárias ou de outros âmbitos. Muitas vezes, em uma mesma comunidade há uma escola zapatista e outra estatal, um governo local autônomo e outro estatal e assim por diante nas mais diferentes esferas da vida.

Para que a organização autônoma exista, os zapatistas têm além do trabalho na plantação familiar, de onde provém parte fundamental de seu alimento, o trabalho coletivo. Este pode ser tanto em uma plantação coletiva – geralmente, há uma em cada comunidade – como também pode se dar por meio do exercício de algum cargo como autoridade autônoma, promotor de educação, saúde etc. O trabalho coletivo é o que possibilita a existência das mais diversas áreas da autonomia, como a saúde que aprofundaremos aqui.

As pessoas responsáveis por gerir determinadas áreas autônomas são chamadas de promotores. Os promotores de diferentes áreas, mesmo que tenham uma formação contínua em educação autônoma nos espaços do movimento, não perdem sua relação com a terra, pois seguem sendo camponeses. Uma tradução em *tzotzil* que me foi dada para a palavra promotores foi *jnikesvany*, que significa a pessoa que move. Os *jnikesvany* de educação e saúde movem e promovem a relação com o conhecimento a partir das necessidades que surgem por parte da comunidade.

Os promotores são nomeados por voto majoritário ou por consenso nas assembleias. Há também uma comissão de educação e uma comissão de saúde (igualmente eleita pela comunidade), responsável por orientar e apoiar o trabalho dos promotores. Cada promotor de educação e saúde é responsável mediante a coletividade. Ao mesmo tempo, a comunidade também tem suas responsabilidades frente aos promotores: os promotores não recebem salário, mas, durante o tempo em que se dedicam às atividades da comunidade, esta deve retribuir essa dedicação diretamente com milho e feijão ou com trabalho coletivo na *milpa* da família do promotor. Isso ocorre para compensar o fato de que, muitas vezes, os promotores não conseguem trabalhar por períodos longos em suas terras, devido ao tempo em que estão dedicados às atividades coletivas. Além das horas em sala de aula ou exercendo práticas de saúde, os promotores devem reservar outro tempo para as formações. No caso dos promotores de educação, eles recebem uma primeira formação mais longa antes de começarem a atuar propriamente em sala de aula e, depois, quando já estão dando aulas, seguem com formações periódicas que incluem encontros com outros promotores da sua escola, região e de seu caracol. No caso dos promotores de saúde, essa formação inicial é realizada com promotores mais antigos e médicos simpatizantes do movimento, como veremos mais à frente. Os promotores de educação

e saúde são os únicos cargos zapatistas que não são rotativos (como é o de uma autoridade autônoma, por exemplo), pois exigem uma formação e práticas contínuas que não podem ser interrompidas.

A saúde autônoma Zapatista

Ao conversar com um dos promotores autônomos sobre o que eles entendiam por saúde, ele me explicou que não existia uma palavra para saúde em *tzotzil*. Ele conta:

Salud no es como salud en castellano, tener hospitales o cosas así... Es tener el lekil kuxlejal, vivir bien. (P1).

O *lekil kuxlejal* é traduzido como *Buen Vivir*, vida digna e está diretamente ligado à luta por autonomia. Ele explica que o *lekil kuxlejal* é muito diferente da ideia de ‘bem viver’ do governo:

Para el gobierno, buen vivir significa desarrollo y para nosotros eso es una destrucción brutal de los pueblos y de la naturaleza. (P1).

Já o Bem Viver zapatista estaria vinculado a um outro conceito, *ichbail tamuk*, que se traduz como o ‘reconhecimento da grandeza recíproca do outro’. Sobre isso, diz:

Todo debe tener su lugar en el mundo, las diferencias. Lekil kuxlejal solo es posible con ichbail tamuk. (P1).

O *lekil kuxlejal* também está ligado a como está a vida na comunidade e, conseqüentemente, ao *ch’ulel*. Há uma palavra que está dando voltas e voltas nas comunidades, diz uma promotora. Toda vez que nos reunimos para falar dos problemas e avanços dos povos falamos disso, afirma outro promotor. O termo que parece central na vida e vocabulário dos promotores é *ch’ulel*. A tradução de *ch’ulel* que me foi apresentada é ‘alma, espírito, dignidade’ e também ‘consciência’.

Nesse sentido, é preciso atentar que a tradução de *ch’ulel* como ‘consciência’ aqui parece ganhar um sentido bastante diferente do utilizado, por exemplo, na filosofia cartesiana, já que não se trata de uma dominação consciente das paixões pela alma, baseada na compreensão de que quando o corpo age a alma padece. Segundo os zapatistas, ter consciência e engrandecer o *ch’ulel* é aprender com a vida^{vii}, é ter respeito ao que existe, é se encontrar, é algo que vai se desenvolvendo continuamente na relação com o mundo. Todos os seres que existem no mundo (mulheres, homens, animais, plantas) têm *ch’ulel* em diferentes níveis de intensidade.

Há uma relação intrínseca do *ch’ulel* com o corpo. Uma parte do *ch’ulel* está localizada no corpo. Quando nosso *ch’ulel* está bem, o corpo fica menos doente, nossas ações são mais enérgicas. Talvez um dia, quando o *ch’ulel* ficar muito forte, não precisemos mais de hospital e remédio, diz um dos promotores. Estar com o *ch’ulel* forte nos permite decidir como queremos nos alimentar, como queremos viver. Quando nosso *ch’ulel* está enfraquecido, nosso corpo também está.

Diante disso, podemos afirmar que engrandecer o *ch’ulel* não parece ser uma questão moral, de bem ou mal, mas uma questão de saúde ou doença, como sugere a relação com o corpo. É curioso reparar que, durante as aulas, os promotores não costumam usar argumentos morais, por meio de palavras como certo ou errado, mas falam muito mais de alegria e tristeza, e de níveis de importância das coisas. Enfraquecer o *ch’ulel*, através do capitalismo, é algo triste (*chkat ko’on*), a possibilidade de engrandecer o *ch’ulel* pela luta é algo alegre (*ju’um ko’on*) e importante.

vii Algo que pode se assemelhar ao que Stengers⁴ chama de a “arte de ter cuidado”: essa “recusa do esquecimento da capacidade de pensar e de agir conjuntamente exigidos pela ordem pública”, vinculada também à intrusão de Gaia.

A expressão *ju'um koon* quer dizer também 'meu coração está um' e, segundo os promotores, é a melhor maneira de dizer que uma pessoa está bem, é a forma mais próxima de expressar que alguém está com saúde. *Ju'um koon* significa que a pessoa tem a mente e o corpo saudáveis, articulando os elementos para viver plenamente. Um dos elementos para tal, relacionado a toda a luta zapatista, é o *bats'il ekil ve'elil*, que significa o comer verdadeiro. Uma promotora explica que é uma luta muito grande para ter comida verdadeira:

Hay mucha comida fabricada, con eso hay más enfermedades que son desconocidas. Tambien hay el uso de los químicos. Nosotros, zapatistas, no utilizamos químicos, pero los partidistas usan, lo que afecta nuestra tierra y tiene un olor que vae nel viento. (P2).

Junto ao aumento da comida industrializada, a ameaça dos agrotóxicos e dos transgênicos é uma constante nas comunidades e afeta bastante a produção do milho, que é base alimentar dos indígenas da região.

A principal comida verdadeira é o milho chamado de *ixim*. Com o aumento do milho transgênico, os zapatistas também falam em *bats'i ixim* (milho verdadeiro) para denominar o milho que não é transgênico. Sobre a importância deste alimento, uma promotora conta:

Los más viejos dicen que los hombres y mujeres son de maíz, lo que tiene mucho sentido porque si no comes tortillas no estás comiendo de verdad. Lo que dá vida y cuerpo a las personas es el maíz. (P3).

Os mais velhos também contam que o *ixim* fala e tem muitos desejos. Seria necessário cuidar dele, respeitá-lo de todas as maneiras possíveis. Nunca se pode deixar um grão de milho sozinho no chão, porque ele vai se entristecer e ali não vão mais crescer outros milhos. O milho deve ter também saúde e, por isso, os transgênicos são muito condenados pelos zapatistas.

Diante de todas as transformações promovidas pelo avanço do capitalismo no campo, com o uso de agrotóxicos e transgênicos, os zapatistas percebem como é cada vez mais importante construir a saúde autônoma. Uma das atuações fundamentais do movimento nesse sentido foi a formação dos já mencionados *promotores autónomos de salud*. Os promotores de saúde surgiram no México como uma política pública indigenista executada através do Instituto Nacional Indigenista (INI) no início da década de 1950. Chiapas era considerado um laboratório das políticas indigenistas do Estado mexicano⁵, o qual permanece nos dias atuais. A partir da criação do Centro Coordenadores Indigenistas se buscou implementar na região um programa federal de desenvolvimento integral nas áreas de saúde, educação, agricultura, entre outras⁶. Por meio dele, foram capacitados os promotores de saúde, profissionais de saúde das comunidades para trabalharem com prevenção, tratamento e saneamento nas suas comunidades, de modo a substituir os promotores mestiços que trabalhavam nas clínicas periféricas. Apesar do discurso de que, supostamente, a formação dos promotores levaria em conta os conhecimentos indígenas, na prática, muitos foram os desencontros que levaram a uma imposição da biomedicina sobre as práticas e saberes indígenas⁷.

Levando em conta essa problemática, o movimento zapatista propõe uma nova forma de conceber essa função, adicionando o adjetivo autônomo, que traz diversas implicações para sua prática, passando principalmente pela relação com a comunidade à qual pertence. Os zapatistas constroem clínicas autônomas, onde trabalham alguns médicos simpatizantes do movimento e também buscam formar seus próprios promotores de saúde. Estes, como já mencionamos, são escolhidos pelas assembleias comunitárias e nelas discutem as questões da saúde da comunidade. Em um projeto denominado Lastres áreas, os promotores são formados em três áreas diferentes que estão intimamente ligadas aos saberes dos povos: *parteras* (parteiras), *hierberos* (conhecedor de plantas medicinais) e *hueseros* (trata dos ossos fraturados). A partir dessa valorização dos saberes indígenas, os promotores de saúde trabalham não só com tratamento, mas com prevenção, promoção e educação em saúde, fazendo também alguns

trabalhos integrados com as escolas autônomas. Os promotores atuam fundamentalmente na atenção básica à saúde individual e comunitária.

Após compreender um pouco das concepções e práticas da saúde autônoma, passamos a um estudo de caso baseado no acompanhamento da formação de promotores de saúde em uma comunidade.

A formação dos Promotores de Saúde

Destaco algumas passagens da formação de três promotores de saúde em uma das comunidades da região de Los Altos de Chiapas. A comunidade é formada por 40 famílias de jovens indígenas *tzotzil*, todos com menos de 26 anos. A formação foi realizada por promotores de outras comunidades autônomas com alguns anos de experiência de trabalho e por um médico da capital, solidário ao movimento zapatista. A comunidade em questão estava passando por um momento delicado, pois tinha acabado de sofrer uma remoção forçada de seu antigo território por um grupo de paramilitares e estava vivendo em uma nova terra com condições mais precárias. Esse processo levou os membros dessa comunidade a buscarem fortalecer a organização comunitária e, conseqüentemente, a consolidarem a área da saúde autônoma, já que um dos aspectos vistos como fundamentais para fortalecer o processo organizativo é a formação de promotores de saúde.

Na comunidade em questão optou-se por formar três promotores de saúde. Segundo seus próprios membros, desde que sofreram o ataque paramilitar, muitos deles estavam adoecendo e associavam diretamente os problemas de saúde ao problema político pelo qual estavam passando. Uma jovem da comunidade contou que, desde que eles foram obrigados a deixar sua terra, quase todos da comunidade ficaram doentes, principalmente, as duas mulheres grávidas. Para ela, buscar se organizar coletivamente para retomar seu território era uma das formas de voltar a ter saúde na comunidade.

Ao começar a formação em saúde, os promotores antigos perguntam aos futuros promotores como são as condições de vida na comunidade e quais são as causas das doenças relatadas - principalmente, febre, tosse, dores no corpo e diarreia. Os futuros promotores dizem que não têm uma cozinha e um banheiro em boas condições de uso no novo lugar onde estão; os promotores antigos perguntam quais são os materiais de que dispõem para melhorar as construções e, a partir das respostas, dão algumas dicas: como cobrir a cozinha para gastar menos lenha, fazer um fogão protegido com madeira para que as mulheres não fiquem tanto tempo abaixadas cozinhando. Toda essa conversa produz uma espécie de diagnóstico comunitário e político que é perpassado por relatos das violências que sofreram dos paramilitares e do sofrimento por estarem longe da terra na qual cresceram.

Depois disso, os promotores antigos perguntam se há parteiras na comunidade ou em suas proximidades. Os futuros promotores respondem que não há e que a mais próxima fica a 30 minutos de caminhada. Os formadores sugerem, então, que peçam para essa parteira ensinar a uma das futuras promotoras de saúde e acrescentam:

Nuestra función es sólo complementar y incentivar los conocimientos tradicionales de ustedes. Los maestros en salud muchas veces son personas que viven cerca y que conocen los modos de vida de aquí. Las parteras saben cual es la mejor manera de cuidar de una mujer embarazada, por ejemplo. Es aquí que se puede tener una relación de confianza con compañeros, con quien comprende la lengua y la tierra de ustedes. (P4).

Essa fala me marcou bastante e me fez lembrar uma jovem indígena que conheci em uma comunidade próxima e que me contou sobre uma doença grave que teve seu marido, quando ficou vários dias com os movimentos do lado esquerdo do corpo paralisados. Mesmo com a doença, eles não queriam ir ao hospital. Essa jovem me disse:

Nosotros, indígenas, tenemos miedo de los hospitales (J1).

Quando comentei sobre isso com um dos antigos promotores, ele me disse que houve muitos casos de indígenas que sofreram maus-tratos nos hospitais, por não falarem a mesma língua dos médicos, por não compartilharem dos mesmos costumes e que, por isso, existia um temor generalizado em diversas comunidades. Diante da violência que diversos indígenas sofreram nos hospitais, estabelecer uma relação de confiança e que parta da própria perspectiva indígena na atenção à saúde, sem negar o diálogo com outros saberes médicos, parece ser um passo importante na constituição dos promotores de saúde.

Os antigos promotores seguem perguntando se usam plantas medicinais ou se sabem quem as usa, os futuros promotores mencionam algumas e saímos para buscar locais onde podemos encontrá-las. Eles os aconselham a aprofundarem esses conhecimentos buscando os mais velhos e a lhes perguntar quais plantas usam e por quê. Reforçam também o conselho de que devem evitar medicamentos:

El mejor es no quedar enfermo. Pues algunos medicamentos también hacen quedar enfermo. (P5).

A orientação é que possam, por meio da organização comunitária e da recuperação de saberes tradicionais da comunidade, não apenas identificar e tratar os problemas de saúde, mas também pensar em formas de melhorar as condições da vida coletiva, possibilitando o *lekil kuxlejal*, recorrendo às clínicas autônomas somente em casos mais extremos.

Em seguida, os formadores falam das responsabilidades do promotor de saúde: reuniões com a comunidade, seguir a formação, trabalhos educativos, trabalhos que envolvem transformações da vida coletiva (como as mudanças na cozinha que decidiram fazer nos dias seguintes), entre outras. Reiteram que uma das questões principais é, através da escuta, identificar os problemas da comunidade e discuti-los em assembleia. Falam também como a prevenção é uma questão de todos: se há uma família que não segue certas orientações de prevenção, isso deve ser debatido coletivamente, pois é uma questão que diz respeito a todos os seus membros.

Como as atividades dos promotores são muitas e envolvem questões fundamentais para a comunidade, os formadores sugerem que na assembleia comunitária proponham a criação de um Comitê de Saúde. Esse Comitê de Saúde será formado por pelo menos duas pessoas que possam ajudá-los nas tarefas que envolvem as mudanças na infraestrutura da comunidade, como construir um local mais adequado para o banheiro, as formas de lidar com o lixo, entre outras.

Percebemos como a organização comunitária permeia todo o trabalho dos promotores de saúde: as causas, problemas, possíveis soluções da área de saúde devem ser debatidas nas assembleias que, por meio da sua auto-organização, aponta e executa as ações a serem realizadas. Um exemplo disso é a criação do Comitê de Saúde organizado nas assembleias que possibilita essas ações. Os cuidados da saúde não são responsabilidade de um corpo de especialistas afastado da comunidade que detém o conhecimento biomédico – ainda que possam dialogar também com os saberes da medicina ocidental^{viii} –, tampouco de indivíduos isolados que devem transformar seus hábitos para ter um ‘estilo de vida saudável’, mas da organização comunitária atravessada por forças políticas e também, pela relação com um cosmos, uma terra.

viii Neste sentido, nos parece interessante seguir as proposições de Eduardo Menéndez⁸ que apontam para um “pluralismo médico”, reconhecendo a coexistência de diferentes formas de atenção à saúde nas sociedades.

Terra

A terra e o Bem Viver são indissociáveis para o movimento zapatista. Como vemos no caso relatado, não há saúde sem terra. Mas, como já abordamos em artigo voltado à questão⁹, terra pode ganhar um sentido bem diferente daquele com o qual estamos acostumados. Os promotores apresentam o conceito de *k'usil balumil*:

Tierra-mundo, tierra-planeta, quiere decir que todo está conectado. Tierra para nosotros es cuando hay metik, que significa nuestra madre, un principio, m'e... es un principio o origen, pero viene de madre, significa tambien madre. (P6).

Ser verdadeiro é ser de um lugar, ter uma origem, uma mãe, essas são diversas acepções relacionadas à terra. A terra é mãe, pois é o princípio do que existe. Somos filhas e filhos da terra, diz uma promotora. Não se diz 'mi madre tierra', mas, *j'me'tik balumil*, que significa 'nuestra madre tierra', ser *nuestra* significa que ela diz respeito a todos os viventes.

E se a terra é mãe de todos, isso significa que todos devem poder desfrutar dela. O problema é quando utilizam a terra como negócio; assim fica perdida a espiritualidade dos povos, as pessoas se sentem solitárias e impotentes, contam os promotores. Sem a terra, viramos apenas indivíduos, me explicam. Abordar a defesa da terra é abordar amplos aspectos para os promotores zapatistas. Quando tratam de defesa da terra, tratam de alimentação, história, linguagem, povo, memória, deuses, saúde em sentido ampliado... Por isso, ser obrigado a abandonar uma terra não é algo simples. Explica uma promotora:

Cuando el gobierno nos habla para salir de una tierra es como arrancarnos una raíz muy fuerte. (P7).

A terra também significa autonomia, pois a terra pode dar respiro, liberdade, a possibilidade de ter seu próprio tempo. Tendo-se raiz em uma terra, ninguém de fora pode decidir o quanto se deve trabalhar nela.

Uma outra tradução apresentada para 'terra' é *lum*. *Lum* significa simultaneamente 'povo' e 'terra' na mesma palavra. Essa palavra inscreve o fato de que um povo não pode viver sem uma terra. "*Um povo não está no ar, está na terra*", diz uma promotora. A terra é tampouco um substrato inerte, mas é habitada por deuses (*yajval*), considerados donos dos lugares importantes do mundo, com os quais os outros seres devem negociar para poderem existir. Há deuses das montanhas, dos rios, mas os mais importantes são os deuses da terra (*yajval balumil*). Para plantar em uma terra, é preciso negociar, dar oferendas para o deus, dono daquela terra. Há também um outro termo que se refere às pessoas que vivem em uma terra (curiosamente com a mesma palavra utilizada para deuses): *yajval lum*, são as pessoas, o povo de um lugar.

A centralidade da terra está vinculada aos aspectos mais profundos da vida zapatista: é o que possibilita o *a'mtel* (trabalho verdadeiro), pilar fundamental da construção da autonomia.

Para uma promotora, o trabalho verdadeiro depende quase que exclusivamente da terra:

Sólo fue posible la comunidad por causa de la tierra. Y se ahora podemos decir que no somos más víctimas directas del capitalismo es porque tenemos tierra. (P8).

Com a terra, o próprio povo pode decidir como viver, ninguém o controla. É o que permite a *bats'i kuslejal*, a 'vida verdadeira'. Essa vida é estar livre (em coletivo) para praticar suas potencialidades. O que também está vinculado à possibilidade de fazer suas próprias leis e consolidar o governo autônomo: "*Para llevar a la práctica un gobierno autónomo, para elegir democráticamente sus autoridades, para elaborar y aprobar*

*sus propias leyes y reglamentos, para definir procedimientos de la justicia autónoma fue condición previa recuperar la tierra.*¹⁰ É diferente da vida oferecida pelo capitalismo e pelo governo, onde todos devem seguir o mesmo caminho que não pode ser violado. O caminho oferecido pelo ‘*mal gobierno*’ está ligado aos programas assistenciais e ao incentivo ao consumo, em que as famílias recebem cestas básicas e/ou quantias em dinheiro. Os zapatistas comentam como esses programas assistenciais são prejudiciais aos povos, pois cortam sua ligação com a terra. Com tais programas, os indígenas e camponeses não querem mais trabalhar na terra e acabam por consumir produtos e alimentos industrializados que, muitas vezes, são prejudiciais à saúde. Sobre isso, pude conversar com diversos promotores de saúde autônoma de diferentes regiões de Chiapas. Todos eles se referiram à diabetes como um dos principais problemas de saúde dos povos na região. O aumento dos casos de diabetes se daria pelas transformações nos hábitos alimentares, isto é, pelo aumento do consumo de alimentos industrializados.

A terra como um lugar ao qual o povo pertence, possibilitando o trabalho, o contato com os deuses e a relação de respeito recíproco com os diversos seres viventes é fundamental para o Bem Viver, para a promoção da saúde nos povos. Sem o vínculo com a terra, os indígenas se enfraquecem e sofrem com diferentes doenças.

Conclusão

O movimento zapatista nos lembra da importância da organização comunitária para um caminhar constante para o Bem Viver. Como vimos, os indígenas *tzotzil* sabem que uma das causas do adoecimento do seu povo é a violência que sofrem dos paramilitares e que, para terem saúde, terão que se organizar coletivamente contra isso. Portanto, as questões sociais e políticas não estão desvinculadas da concepção de saúde e adoecimento.

Outra questão interessante é como lidam com a alteridade, com os saberes indígenas. Para fortalecer o protagonismo da comunidade, buscam a recuperação dos saberes indígenas a partir do diálogo com os mais velhos. Identificam nesse movimento não apenas uma maneira ‘tolerante’ de lidar com as diferenças culturais, mas percebem os efeitos diretos que essa valorização pode ter sobre a saúde das pessoas. Diante da violência que diversos indígenas relatam terem sofrido nos hospitais, estabelecer uma relação de confiança e que parte da própria perspectiva indígena na atenção à saúde, sem negar o diálogo com outros saberes médicos, parece ser um passo importante para melhorar as condições de vida desses povos.

Nesse processo, podemos dizer que os ‘promotores de saúde’ seguem à risca a famosa máxima de Paulo Freire¹¹: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. O trabalho voltado para a saúde não é baseado em transmitir de maneira horizontal os saberes biomédicos, mas passa pelo aprendizado com os mais velhos, com o diálogo e protagonismo da comunidade como um todo, seja nas escolas ou nas assembleias. Para realizar sua prática, o *promotor de salud* deve ser ao mesmo tempo educador e educando, estando em constante formação com o mundo em que vive, sua comunidade.

A própria concepção de saúde está estritamente relacionada com a noção de terra, já que para ter saúde é preciso pertencer a um cosmos, permeado pelo respeito recíproco com os mais diferentes seres, em uma luta constante para engrandecer o *ch’ulel* (espírito) e, com isso, caminhar rumo ao *lekil kuxlejal* (Bem Viver). Para colocar em prática esses princípios, o cuidado da saúde é protagonizado pelas assembleias comunitárias, nas quais entendem a saúde como determinada pelo contexto sociopolítico.

Valer ressaltar, por último, que não se trata de, com essas reflexões, buscar ‘importar’ essa experiência para a realidade muito distinta da saúde no Brasil, onde, cada vez mais se coloca urgente a luta para que a saúde seja direito de todos e dever do Estado por intermédio do Sistema Único de Saúde (SUS). Os próprios zapatistas não buscam ser ‘modelo’, mas sim fazer um “chamado”¹ para a luta dos povos nas suas diferentes

geografias^{ix}. O que queremos apontar é como a organização comunitária (e seus diferentes mecanismos de construção) vinculados a uma lógica baseada na alteridade podem ser um caminho potente a seguir.

Referências

1. Morel A. Terra, autonomia e ch'ulel: aprendizados na educação zapatista [doutorado]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2018.
2. Albert B. Situation ethnographique et mouvements ethniques: réflexions sur le terrain post-malinowskien. In: Agier M. Anthropologues en dangers: l'engagement sur le terrain. Paris: Jean-Michel Place; 1997. p. 75-88.
3. Castro EV. O recado da mata. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Cia. das Letras; 2015.
4. Stengers I. No tempo das catástrofes. São Paulo: Cosac Naify; 2015.
5. Fenner J, Palomo Infante D. El Archivo Histórico del Centro Coordinador Tzeltal-Tzotzil de Chiapas: memoria del laboratorio del indigenismo en México. México: Desacatos; 2008. n. 26 p. 75-86.
6. Aguirre GB. Programas de salud en la situación intercultural. México: Fondo de Cultura Economica, Universidad Veracruzana, Instituto Nacional Indigenista; 1994.
7. López Enríquez ME. Los procesos de formación en salud comunitaria: la experiencia pedagógica del Salud Desarrollo Comunitario [tesis]. México: Universidad Nacional Autónoma de México; 2011.
8. Menéndez E. Modelos de atención de los padecimientos: de exclusiones teóricas y articulaciones prácticas. Cien Saude Colet. 2003;8(1):185-207.
9. Morel A. A luta pela terra na cosmopolítica do movimento zapatista. REL. 2019;1.
10. Christlieb PF. Justicia autónoma zapatista. Zona selva Tzeltal. México: Estampa Artes Gráficas; 2014; p. 105.
11. Freire P. Pedagogia do Oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.
12. Castro EV. Os involuntários da pátria. São Paulo: Editora N-1; 2017.

ix A diferenciação entre modelo e chamado/exemplo também é colocada por Eduardo Viveiros de Castro¹² (p.49): “Modelos são como ideias platônicas, que se pode (que se deve) apenas copiar, sempre, é inevitável, imperfeitamente — os povos são sempre atrasados, ignorantes, recalcitrantes —, como os ‘modelos de desenvolvimento’ impostos a ferro e a fogo pelos Bancos Mundiais, o FMI, os Estados Unidos e a Comunidade Europeia, e, por último, mas não menos autoritários, os Governos de nosso trágico país. Exemplos instigam à experimentação e à criação. Modelos, à obediência e à servidão. Exemplos se seguem, como se segue uma pista que nos leva aos nossos próprios lugares; modelos se aplicam — sempre aos outros, aos menores, aos menos, aos que se obriga serem aplicados na aplicação dos modelos que lhes empurram goela abaixo”.